



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

**Elementos para um debate inicial em torno de um Projeto Pedagógico das IESs
frente ao novo paradigma de Educação Superior**

PEREIRA ,Otaviano José
UNIUBE / MG





Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

"A universidade é, talvez, a única instituição nas sociedades contemporâneas que pode pensar até às raízes por que não pode agir em conformidade com seu pensamento. É este excesso de lucidez que coloca a universidade numa posição privilegiada para criar e fazer proliferar comunidades interpretativas." (Boaventura Sousa Santos)¹

RESUMO

Considerando a crise geral de identidade da universidade no mundo todo e os impasses experimentados pela universidade brasileira, desde suas heranças, na corrida pela "qualidade", neste texto trabalhase a construção de uma identidade para as Instituições de Ensino Superior (IESs). Tal construção deve estar assentada em pontos claros de um Projeto Pedagógico consistente em vista do novo paradigma de educação superior na virada do milênio. Aqui são apresentados pontos iniciais e gerais de um projeto para nortear um debate interno das IESs, principalmente as ditas "faculdades isoladas que só ensinam" – ou que não ensinam porque não pesquisam.

Palavras-chave: Instituição de Ensino Superior, Projeto Pedagógico Institucional, Identidade Institucional.

ABSTRAT

Considering: a) a general crisis of identity of the universities in the world and the impasses done by the brasilian universities since it's arise; b) also its adapts for "better quality", this text tries to construct an identity for Institutions of Higher Education. This construction must show very clearly the aspects of a Pedagogic Project aimed to new paradigms of high education at the beginning of a new millennium. Ther are to be shown some initial and general aspects in order to orientate an internal discussion in the Institutions of Higher Educations especially of the following aspects: "isolated schools only teach" – or – "they don't teach because they don't search".



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

INTRODUÇÃO

Já na aurora do século XXI, precisamente entre os dias 5 a 9 de outubro de 1998 realizou-se, em Paris, a Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, promovida pela UNESCO e precedida nos anos anteriores por conferências locais preparatórias nos cinco continentes. Junto a grandes reformas, como a napoleônica, na França, em 1810, a do cardeal Newman, na Irlanda, em 1851 e a de Humboldt, na Alemanha, no apagar das luzes do século XIX, portanto todas essas magnas reformas já dentro do projeto da modernidade, esta, de 1998, despontou como um dos mais importantes eventos de revisão dos destinos do ensino superior no mundo todo, selando seu destino para o próximo milênio.

Neste ano de 2001, primeiro do novo século, após um século conturbado e que já acabou há uma década e em que os significados e os caminhos da universidade (termo aqui usado no sentido genérico de Instituição de Ensino Superior) foram discutidos à exaustão e estando seus impasses ainda sobre as mesas de debates, a vida universitária como um todo passa por um momento contraditório, por isso mesmo muito rico, em pelo menos dois aspectos: a) nos cinco continentes notase uma vertiginosa expansão do sistema, verificado, por exemplo, no número de alunos – de 13 milhões de universitários dos anos 60, a 87 milhões nos anos 90; b) a universidade no mundo todo passa por uma "tríplice crise: hegemônica, de identidade e institucional", conforme diagnóstico do sociólogo e pensador português Boaventura Sousa Santos (1995).

No contexto brasileiro a ampliação do sistema também se dá, neste momento a olhos vistos e de forma irrefreável, de novas universidades e aberturas de cursos. "Os cursos superiores atendem a cerca de 2,4 milhões de jovens, num contingente de cerca de 2 milhões com idade entre 18 e 24 anos. Esse cenário tende a mudar nos próximos anos, por força do aumento do contingente de egressos do ensino médio. Cerca de 6



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

milhões de jovens deverão estar matriculados em cursos superiores até o final da década" (Tavares, 2001: A3).

Tratase, contudo, de um momento crucial em que nossas universidades se encontram, por um lado "barbarizadas" (Giannotti, 1995) ou "em ruínas" (Chauí, apud Trindade 1999), por outro "desafiadas" (Morais, 1995). Neste cenário de demanda crescente, mas nada animador em termos de qualidade acadêmica, ao final de 1999 o Brasil contava precisamente com 1097 Instituições de Ensino Superior (IESs), sendo 155 universidades "oficializadas" como tal, 39 centros universitários, esta espécie de instituição híbrida que ainda não disse a que veio, 74 faculdades integradas, 16 centros de educação tecnológica e, pasmem, 813 faculdades isoladas.

Essas ditas "isoladas" tem recebido maior atenção de nossa parte, pois sobre elas recaem as exigências de qualidade a todo custo, vendose em sua maioria, obrigadas a "inventar" pesquisa, titular professores, entender a fundo o novo paradigma que revolve a prática docente, as metodologias (de pesquisa, quando há) ou didáticas (de ensino) ou o sentido ainda difuso de extensão. As exigências legais (vide a tonelada de medidas provisórias de regulamentação da LDB) aliadas a pressões internacionais e aos desafios da sociedade do conhecimento assemelhamse a uma ação de carpideiras passando sobre uma lavoura colhendo frutos bons e maus, indiferentemente, e já preparando a terra para outro plantio, ignorando suas condições de adubagem, chuva, terreno, heranças do atraso tecnológico, etc.

Na corredeira desse percurso histórico recente, que ganha mais e mais velocidade e pressão, não cremos que as IESs devam estar prontas para apenas responder às exigências legais, como quem veste uma roupa nova às pressas só para tirar uma foto, mas para dar contribuições próprias, ad intra, ao movimento de revisão de caminhos, no concerto geral da universidade do IIIº milênio. Notadamente num país onde a vida universitária revela bolsões de carência, em todos os sentidos, e, mutatis



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

mutandis, carece de uma revisão mais lúcida de seu destino pelos seus próprios pares, antes que alguém o faça por nós.

Para tanto, um Projeto Pedagógico deve servir como norte para um debate interno entre todos aqueles interessados em uma resposta metodológica de reflexão em torno de um "fazer universidade" (Luckesi, 1997) em nova chave paradigmática, mas de acordo com os princípios delineados numa proposta clara, haurida de sua natureza e grandeza.

É pertinente nesta hora ressaltar que, quando aludimos a um Projeto Pedagógico, termo que nos enche a boca, não pensamos em algo solto, desamarrado de qualquer relação interpares na Instituição de Ensino Superior com a sociedade – conhecimento desinteressado. Pelo contrário, um PP apresenta uma (a) dimensão subjetiva, isto é, resultado do "otimismo da vontade" (UEMA, 2000) interna das IESs, às vezes urdido em discussões intestinas bem como uma (b) dimensão objetiva. Vale dizer, na capacidade de traduzir nossas vontades em leituras críticas desde a literatura jurídica e os programas oficiais de graduação e pósgraduação: LDB e seus desdobramentos, Plano Nacional de Educação (PNE) vigente e seus respectivos Fóruns Nacionais de Graduação (PNGForGrad) e PósGraduação (PósGrad), além do padrão de qualidade que o MEC/SESu propõe para os cursos. Trata-se de adequar os projetos específicos (de cada curso) e particulares (das IESs) às exigências de um projeto global de educação superior, cunhando nele sua própria identidade. As IESs e seus respectivos departamentos, coordenações, etc, têm de expressar a união dessas duas instâncias (subjetiva e objetiva) para elaborar a contento (não só no papel, como letra morta) um projeto consistente. Sem departamentos fortes, coesos em sua pluralidade, consistentes não há IES forte, coesa, consistente, objetiva, produtiva.

Assim, visando a balizar um Projeto Pedagógico urdido em um debate interdepartamental, algumas questões preliminares podem ser postas e, creio eu,



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

ganham pertinência para este debate. Para tanto consideramos um contexto global de profunda mudança paradigmática no plano da relação produtiva, em primeiro lugar, da cultura (e dos valores), de epistemologias em saudável conflito de interpretações a que ora assistimos no enfrentamento do novo milênio e, umbilicalmente relaciona ao nosso métier, a crise abrangente da universidade (implosão do ensino, lugar da extensão, centralidade inquestionável da pesquisa, etc) e o estiolamento da herança que recebemos.

Só tendo em mira estas preocupações visando tomar o seu norte, uma IES, qualquer que seja ela, no marco dessa expansão nacional e global pode fazer jus ao seu crescimento, qualitativo em primeiro plano, para não marcar sua presença a partir apenas de um crescimento "vegetativo". Neste sentido o que se vai apresentar aqui como um "programa de ação" está mais no plano ideal, ou do dever-ser do que no real, do ser das IESs e seu diagnóstico.

Ao apresentar algumas reflexões de apoio, apenas em seus traços iniciais, e ancoradas nos pontos que se seguem, temos como objetivo precípua apimentar um pouco mais o caldo de leituras que as IESs devem continuar recebendo por um bom tempo, aqui e alhures. Vejamos.

a) SOBRE A MISSÃO DAS IESS

Uma Instituição de Ensino Superior deve ter como missão a promoção da educação universitária com qualidade, estribada numa visão crítica e sistêmica do contexto e emancipatória em relação a todos os sujeitos envolvidos. Seus objetivos devem ser postos às claras, a nosso ver, tanto num Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), Plano de Metas (PM), de Ação (PA), ou ainda, como queiram, numa linguagem mais condizente ao jargão empresarial, num Planejamento Estratégico (PE), em vista de uma ação conjunta e sinérgica, sem a qual todos os sujeitos envolvidos na vida cotidiana da instituição podem estar desperdiçando esforços para



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

que os resultados de seus trabalhos surtam efeito. Tratase de uma conditio sine qua non para promover não só a compreensão global , como os efeitos desejados e reais de um Projeto Pedagógico conseqüente, resultado de sua própria vigilância pela qualidade.

Quanto aos objetivos, relacionados à sua missão, as IESs devem ter como objetivo acadêmico primordial a construção de um conhecimento a partir de sua inserção no contexto em que se encontra, de forma a poder pensar e agir localmente, sem perder de vista os valores universais de sua ação educadora, atenta às mudanças paradigmáticas que a construção do conhecimento enfrenta em nosso tempo, para poder propor os objetivos acadêmicos específicos sustentáveis (dos departamentos, projetos específicos, cursos, ação extensionista, grades curriculares, programas, ementários....)

Uma vez postos a missão institucional e os objetivos acadêmicos como os eixos da qualidade perseguida, o desdobramento de das ações deve apontar para um Projeto Pedagógico elaborado a partir de dentro, como um bordado que todos costuram – afinado com preocupações de natureza global – de novo paradigma, como propusemos no escopo deste texto – cujos pressupostos seguem abaixo.

b) SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE

Uma universidade não se sustenta mais como lugar da educação via ensino que habita nosso imaginário, como se fosse uma "continuidade natural" do ensino médio. Ela é, por excelência, o locus onde se constrói o conhecimento e sai crítica, pelo menos em tese o único caminho é o da centralidade da pesquisa, como pesquisa significativa e não apenas como conhecimento acumulado. Uma universidade ou IES que não promove a pesquisa, neste aspecto, ou finge que pesquisa e "apenas ensina", na melhor das hipóteses repete a pesquisa alheia, exógena e estranha.

Até aí, tudo bem, tratase de uma constatação inicial. Contudo, o entendimento geral sobre a natureza da pesquisa, no recorte de epistemologias críticas que abundam em revistas especializadas, livros ou no conhecimento em rede, (Internet) vai



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



adentrando neste novo milênio muito questionado, dado a herança positivista que recebemos ou que assimilamos de modo reflexo no século findo, desde a consolidação da primeira, embora tardia ou "temporã" (Cunha, 1980) universidade brasileira, e antes do boom de crescimento vegetativo experimentado das IESs.

Entendendo a pesquisa como forma sistemática e organizada de "diálogo crítico e criativo com a realidade" (Demo, 1996 : 128), de modo que os pesquisadores, sejam eles docentes, discentes ou a própria comunidade, retiram da realidade elementos para interpretá-la, compreendê-la e transformá-la, não há como pensar em pesquisa sem considerar os sujeitos do conhecimento como protagonistas, sem os quais não se demarca avanço significativo algum, como saber emancipatório, não apenas disciplinar, fragmentado, linear, com tentativas de neutralidade, etc.

Assim sendo, dicotomias antes não solucionadas, como pesquisa básica e aplicada, pesquisa quantitativa e qualitativa, teoria e prática, etc., devem receber uma releitura num suporte dialético, e como estratégia de construção da própria realidade a partir do conhecimento produzido como pesquisa. Os "princípios científico e educativo da atitude de pesquisa" (Demo, 1996 : 213) devem se encontrar, ou não fazemos universidade in stricto sensu. Eis aí o desafio histórico, num momento em que o capitalismo dependente, em sua "modernidade reflexa" (expressão do educador e antropólogo Darcy Ribeiro) aponta para a ampliação do sistema universitário e pede soluções na verdade conservadoras. E o governo, sabidamente, cria os chamados centros universitários para "tapar o sol com a peneira" de "universidades" carentes de projetos, quando não, sucata (as públicas) e pondo as IESs isoladas numa espécie de résdochão, patamar tolerável do puro ensino desarticulado e estanque para responder à demanda do ensino superior para a sociedade dependente.

b.1) sobre a necessidade de compreensão e introjeção do paradigma educacional Emergente.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Há um novo paradigma de leitura geral da realidade em curso e que envolve a questão do ensino e de sua natureza.

Ele está sendo chamado, com muita propriedade, de "paradigma da complexidade" (Morin, apud Petraglia, 1995). Modismos à parte, toda literatura em voga sobre este paradigma vindouro está revolvendo a educação como um todo, como a ancinho do camponês revira o feno do paiol e atingindo a prática da construção do conhecimento, na educação superior, onde o ensino, entendido em si mesmo, embora fundamental, tornase apenas uma das frentes e perde, gradativamente, sua centralidade. Assim, o novo paradigma atinge uma gama de aspectos da estrutura e funcionamento do ensino do terceiro grau (currículos, programas, processos didáticos, métodos, avaliações, etc), carentes de releituras críticas, desde sua "arqueologia" (Foucault). Notase, aqui e acolá, uma revisão geral dos processos, que leva de roldão muitos de nossos velhos hábitos e nos deixa meio que falando sozinhos no salão da tradição do ensino verboso, de pura transmissão de conhecimentos, como se impelidos a defendê-lo a todo custo, por ser "única coisa que funciona" no vendaval anárquico dos novos processos (interdisciplinaridade, visão sistêmica, holística, etc).

Relativamente ao ensino, nossa tradição mais arraigada, às vezes solitária (sem amarras na pesquisa e extensão) e especialmente à sua ciência específica, a Didática, cumpre dizer que a questão básica, posta hoje a olhos vistos, não está em "compreender a didática como ciência ou como técnica, mas nossa posição diante dela, enquanto ciência ou enquanto técnica" (Santos, apud Candau, 1983 : 32ss). Hoje, cada vez mais na mira de uma nova compreensão de sua natureza pósformal, além ou paradidática, não se trata de subestimar as técnicas de ensino, sobretudo numa sociedade carregada de um instrumental tecnológico cada vez mais sofisticado, mas de tentar enriquecer as técnicas de ensino com uma concepção dialética e estratégica da didática a fim de que esta se torne uma "metadidática" permanente, isto é, não mais um conjunto de regras



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

engessadas de ensino mas simultânea e efetivamente uma autocrítica da prática pedagógica; vale dizer, uma ação de sujeitos que entendem e assumem o ensino como "totalidade concreta" (Oliveira, 1994), relacional, como instância de ação em que o docente não tem como mentir sobre sua visão de mundo, estampada em sua prática de ensino, às vezes dispersa, difusa e nem sempre resultado da leitura e/ou do aprendizado de um "contexto" (Wachovicz, 1991 : 91ss) dado, real, da educação, senão como produto amorfo dele. Em outras palavras, assumir a difícil síntese entre "compromisso político e competência técnica", conforme a célebre e profícua discussão travada, já há quase duas décadas, entre os educadores Dermeval Saviani e Paolo Nosella (1983).

Se nós somos o que fazemos, no ensino nós não dissimulamos o que somos, mesmo diante de modismos ou abstrações sofisticadas e por vezes tentadoras, e mais, nós o somos só "a partir de nossas circunstâncias" – conforme a célebre frase do filósofo espanhol Ortega y Gasset. A prática humana, como "estratégia mesma da construção da existência, humana e social" (Vieira Pinto, 1979), seja ela prática "produtiva, social ou simbolizadora" (Severino, 1992 : 26), tem no ensino seu espaço privilegiado para a emancipação, desde que maximize o "lugar político", isto é, o lugar da não neutralidade do docente, mesmo quando este insiste em proclamarse "neutro".

Nunca a educação brasileira, incluindo a superior, esteve tão enriquecida por discursos competentes. As epistemologias estão aí, hoje em saudável conflito de interpretações, por exemplo, na questão candente da inter e transdisciplinaridade, e dão um suporte teórico multifacetado às nossas práticas; são elas, nossas práticas, que as vivenciam, por exemplo, na transversalidade temática de um ensino integrado, tão difícil de ser realizado, de fato, devido nossas próprias heranças. Em outras palavras, falar em mudanças, no sentido de uma mera exterioridade de uma ação maquiada por reformas é fácil, difícil, mesmo no horizonte do possível, é provocar uma real transgressão paradigmática, o que exige um projeto pedagógico claro, audacioso, tendo



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

nossas ações não como reflexo, mas algo passivo à espera das mudanças, mas como eixo de experiência em permanente revisão crítica dos caminhos percorridos. (Vide o exemplo das avaliações, calcanhar de Aquiles da prática pedagógica. Falase tanto em avaliação processual, crítica, em processofólio do aluno, avaliação emancipatória, dialética, etc, mas na hora H caemse

Nas provas escritas, bem ao feitio da burocracia escolar. Outro problema, também a título de exemplo, é pensar que fazer interdisciplinaridade é apenas cruzar conteúdos programáticos e fingir que estamos tecendo juntos o mesmo bordado do saber. É a chamada "interdisciplinaridade burra" ou formal. Falta aí, o *sapere audem kantiano*).

Não há ensino sem crítica do conhecimento e sem uma atitude investigativa sobre a realidade e o conhecimento nela e dela produzido que não se torne um ensino puramente informativo, engessado, fragmentado, neutro. Ele carece de epistemologias críticas claras que demarquem avanços, quebras de dicotomias, (teoriaprática, por exemplo), olhar por dentro não só de conteúdos como de processos, assim por diante.

Movimentado em suas primeiras décadas pelo anúncio da necessidade de uma epistemologia pós-cartesiana, com Gaston Bachelard há mais de 50 anos (vide, por exemplo, no Brasil o trabalho pioneiro da ensaística de H. Japiassu) o século que se fechou produziu, em sua segunda metade, uma enxurrada de textos que clamaram pelo fim do paradigma cartesianonewtoniano, que herdamos para produzir/reproduzir conhecimentos, seja nas ciências da natureza, seja nas hermenêuticas, modelo e modo de ser impregnados em nossas atividades rotineiras. E nesta virada de século, diante de um pensamento contemporâneo em fragmentos, o que Henrique Lima Vaz chama de "uma floresta de razões" (1991 : 135ss) mas vazio de uma substância ontológica básica – crise da razão – a educação passa por uma espécie de varredura de interpretações em



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

praticamente todas as suas frentes de atuação, apontando para um novo mas inda conflitante leque de leituras no paradigma educacional em reconstrução.

Citemos alguns exemplos, frutos dessa árvore generosa: uma epistemologia genética em vista de uma visão construtiva e formal da aprendizagem (Piaget), um construtivismo sóciointerativo de origem sobretudo russa (Wallon, Luria, Vygotsky), um construtivismo crítico pósformal voltado para preocupações sócio culturais (Kincheloe, McLaren e outros), uma leitura críticoreprodutivista amarrada no pensamento marxiano de Althusser (Bourdieu, Passeron, Snyders e autores mais recentes da escola sociológica francesa, Giroux e outros), uma concepção dialógica libertadora (P. Freire), uma leitura crítica mais recente, da complexidade relacional a partir das fronteiras da biociência ou microbiologia, sob o enfoque das pesquisas em torno da nova relação cérebromente (Maturana, Varela e outros), da corporeidade em movimento e da ecologia cognitiva (Assmann e outros), de uma leitura holística, ou do holomovimento advindo da nova cosmologia quântica (Capra, Lévy, Prigogine e outros), da educação informática (Papert), do paradigma transcendental, não kantiano e não formal, portanto, não puramente lógico, mas holístico, voltado para uma transdisciplinaridade crítica e uma nova ética (Weil, Crema, D'Ambrósio e outros) uma epistemologia atenta ao alargamento do conceito de inteligência (Goleman, Gardner), assim por diante.

Tudo isso, esta espécie de desova de camarões no oceano das teorias, está nos exigindo uma leitura atenta e a capacidade de fazer escolhas conseqüentes, livres do calor da hora, seja para nos libertarmos dos discursos "pedagógicos" de momento (modismos) seja, principalmente, para selarmos um projeto que deve sempre nascer de uma discussão que aponta para a capacidade de discernimento entre nossos pares. Compreender o "paradigma educacional emergente" (Moraes, 1997 : 135197) é preparar-se, com lucidez, para adentrar na era das relações, do conhecimento em rede e



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

da "sociedade aprendente" (Assmann, 1998 : 17ss). Isto implica numa teia rica de informações novas, não necessariamente novidadeiras, dependendo de nossa capacidade de leitura como perseguição do que é de fato significativo e estratégico à construção do conhecimento – por exemplo, na Internet ainda há muito "lixo" – uma vez que as publicações apenas em livros e revistas especializadas não dão mais conta, na mesma proporção entre demanda e velocidade. Estamos numa situação parecida com a do cão dobermann que corre para nos morder (como lembra o saudoso humorista Henfil) e ainda temos de pegar o bonde da História.

Para concluir este tópico, um Projeto Pedagógico que visualiza transformações radicais não pode mais se estabelecer apenas no ensino transmitido em sala de aula, que foi a forma reflexa de adaptação do modelo de ensino superior que herdamos desde a Colônia ou do modelo iluminista que copiamos desde os anos 30, o de nossa entrada pra valer na dita modernidade. As novas fronteiras epistemológicas, suporte teórico para novas metodologias e/ou críticas da ação pedagógica, realimentam as propostas de extensão, pesquisa e ensino e supõem novas atitudes investigativas em relação ao ato de educar e permitir-se ser educado (não ser apenas influenciado pelo seu tempo) e daí (re)construir a universidade que sonhamos e necessitamos, a partir da permanente revisão de nossa prática cotidiana. Ouso afirmar que a reinvenção da universidade só acontecerá no marco da reinvenção de nosso cotidiano, como pesquisadores e, por isso, docentes, malgrado as limitações a nós impostas, inclusive pelo próprio alunado que recebemos a cada ano que passa.

B.2) sobre a resposta qualitativa à sociedade do conhecimento

Uma IES deve saber que não conseguirá dar uma resposta qualitativa à sociedade do conhecimento (Knowledge Society) se não conseguir entender na prática as relações entre os sujeitos do conhecimento; sujeitos marcados pelas suas diferentes identidades na multiculturalidade, enquanto sujeitos que ela mesma se presta a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

emancipar a partir do conhecimento coproduzido e não só na consideração destes como "clientela" de ensino.

As instâncias pedagógica e ética aqui se encontram no viés de uma lucidez advinda de uma postura que coloca a universidade acima da função de apenas formar profissionais para o mercado. Tornando os sujeitos do conhecimento cidadãos, estará tornandoos ainda mais aptos para enfrentar o mercado de trabalho, e considerálos como seres humanos capazes de fazer a leitura crítica de seu tempo. E uma sociedade do conhecimento, de sujeitos aprendentes em meio a "máquinas aprendentes e complexas" (Assmann, 1996 : 1735) e ao mercado como "senhor de tudo" pede, antes de tudo, uma resposta humana para uma configuração mais elevada dessa mesma sociedade. E uma sociedade do conhecimento em rede não poderá se restringir a uma atitude meramente laudatória da revolução informática, da robótica, da inteligência artificial, do novo cérebro, etc. Tudo isso é maravilhoso, mas essa sociedade que se avizinha e já bate em nossas portas deverá ser a de seres humanos que compreendem essa complexidade como obra humana e nela intervêm a favor do gênero humano e não contra ou a despeito dele. O estoque de lucidez que supomos ter para iluminar tantos discursos de ocasião e interpretar nosso tempo, para além de uma razão instrumental ou mesmo "cínica" como essa da "pedagogia" neoliberal que quer salvar a educação escolar para o mercado, mas excludente – deverá compor o perfil humanista dos profissionais que precisamos formar nas IESs. Se uma razão que interpreta a realidade não andar aos pares com a Ética, (substantivo) não se tornará, ela mesma, ética (adjetivo). Ora, se a ética, no limite de sua compreensão, é a construção da liberdade dos sujeitos emancipados, ela não entra nos discursos apenas como disciplina formal e obrigatória, mas como a norteadora de saberes díspares, das diferenças, e como nó de amarração das construções interdisciplinares de conhecimento significativo. Conhecimento a partir dos sujeitos e não para eles, sobre eles ou apesar deles.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

B.3) sobre o redimensionamento do ensino (pela pesquisa)

Muito se tem escrito sobre Didática no Brasil nos últimos anos ou mesmo décadas, principalmente após o congresso intitulado "Didática em questão", realizada na PUC do Rio de Janeiro, em novembro de 1982. (Vide trabalhos de Candau, Lüdke, Soares, Brandão, Mattos, Oliveira, Kensky, Wachowicz e tantos outros, além de toda produção anual da ENDIPE, ANPEd, entre outros, e seus anais).

Na verdade o ensino passa, em nosso tempo, por uma espécie de implosão gradativa. Refirome àquele ensino tomado em si mesmo, (de giz e lousa) que alimentou a escola de modelo fabril e que ainda demarca as instituições de ensino superior sem pesquisa, meras continuidades do ensino médio. Uma crítica consistente da ação pedagógica só pode estar ancorada na pesquisa, ou nada feito, porque o ensino fica sem piso.

No entanto, notadamente naquelas 813 faculdades isoladas, isto é, sem tradição de pesquisa, as condições históricas estão aí postas, como sabemos, e não se trata de dar passos maiores que as próprias pernas, criando a pesquisa pela pesquisa, artificial, desinteressada e neutra, só para servir de espelho translúcido e de efeito, para dissimular ainda mais a imagem social das IESs. Cumpre pensar na pesquisa significativa, aquela que pode e deve ser feita. Os departamentos, ao implantar seus núcleos de pesquisa e de estudos interdisciplinares, formação continuada (etc) após detalhado estudo dos projetos pedagógicos dos cursos, ou sabem do retorno acadêmico desse investimento ao ensino que praticam ou devem fechar suas portas. Aliás, uma IES que sequer tem noção do retorno mediato e processual desse investimento sequer deveria ter aberto suas portas.

Vamos repetir, propositadamente, esta idéia da interação de cada instância do conhecimento produzido: uma vez substancializada pela extensão, a pesquisa poderá e deverá substancializar o ensino, redimensionandoo e ultrapassando o patamar de mera reprodução de conhecimentos acabados. Não se trata, todavia, de menosprezar o ensino



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

e o lugar que ele deve ocupar no concerto da produção do saber, mas de repensar sua natureza, reconhecendo, de primeira mão, que este não se justifica mais por si mesmo e pelo acúmulo de aulas sobre aulas.

Se uma IES não pode ser uma continuidade do ensino médio, um "colegião" feito para dar aulas, que tratamento devemos dar ao ensino, na universidade, mediante a constatação da candente implosão de um modelo?

Ora, quem questiona a pesquisa significativa, já está revolvendo a natureza do ensino. Por quê? Principalmente em nossos dias, após uma avalanche de questionamentos sobre a prática docente, quem apresenta o problema da pesquisa tem de evidenciar a releitura do conhecimento e sua crítica, e que apresenta o problema do ensino, em sua rica natureza, tem de repensar os caminhos da aprendizagem. Pesquisa e conhecimento emancipatório, ensino e aprendizagem não se colocam em relações naturais e automáticas; estas instâncias da prática docente têm de ser trabalhadas de modo convergentes. Vide, por exemplo, a importância das feiras de ciência, no ensino médio ou os programas de iniciação científica que, aliás, poderiam ser programadas numa integração se a universidade não estivesse de costas para o ensino médio e isto só é possível coladas ao ensino. Não se trata de um "antes" e um "depois", pesquisa para o ensino, mas de ensino que vai urdindo da pesquisa numa concomitância.

Quando uma IES elabora um Projeto Pedagógico, se não for produto abstrato de tinta e papel, é porque já trouxe a inarredável questão do ensino para o campo de uma discussão aberta e receptiva às abordagens do novo paradigma.

Não há como fugir de nosso tempo. Ou pelo menos se espera que tenha ultrapassado os chamados "receituários" de uma didática formal (dos "manuais"), acrítica, preocupada apenas com técnicas para "motivar" os alunos, bem no figurino escolanovista ou centrado numa espécie de "psicologia da adaptabilidade" típica dos



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

discurso empresarial, para fomentar aulas produtivas do ponto de vista da burocracia universitária ou das exigências do mercado e do governo – "provão", por exemplo.

A idéia que alimentamos, por vezes ingênua, de que às aulas bem dadas seguese automaticamente a aprendizagem não cola mais. Se uma IES não redimensionar seu ensino na pesquisa, cuja centralidade não pode abrir mão, e este veiculado à ação extensionista, não irá cunhar sua identidade e sempre estará correndo atrás das novidades vindas dos grandes centros ou das imposições de Brasília – aliás, o que mais a SESu deseja, através de seus conselheiros, é que as Instituições de Ensino Superior (IESs) encontrem suas identidades e digam a que vieram. O que importa saber, no limite, é o preço que estão dispostos a pagar por isto.

B.4) sobre uma nova compreensão da ação extensionista

Ao produzir um saber de elites ou para as elites, notadamente no modelo iluminista de universidade que copiamos, uma certa "consciência culpada" da universidade tem levado, nesta virada de milênio e de paradigma, a repensar a natureza e o lugar do saber que ela produz o que aconteceu sobretudo da era de nossa "universidade crítica" (Cunha, 1982), dos anos 50 para cá. Enfatizou-se, ainda mais, o conhecido tripé ensinopesquisaextensão (compreendidos nesta ordem) como sendo três engrenagens de uma máquina gigantesca, ligadas por uma espécie de correia de transmissão: a conduz b que conduz c que conduz, assim sucessivamente.

Neste sentido muito se falou, inclusive em encontros de próreitores de extensão, da necessidade da universidade "ir à comunidade estender as mãos a ela", "criar uma via de dupla mão na ação social", (vide críticas de Botomé, 1996 : 83ss) ou expressões correlatas. Tratase de uma idéia com evidente ranço paternalista, como se a comunidade, além de não produzir saber ou produzir um saber inferior, fica à espera do apoio da universidade com seu saber e prática iluminada, onde a extensão vira uma filantropia que faz bem antes de tudo a quem produz, no campo fértil das influências



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

políticas escusas. São as dissimulações do tipo: "domingo no parque com as crianças pobres" para engrossar as informações de sites atraentes.

Uma IES que faz a leitura de seu tempo deve saber que nos anos 80/90 esta idéia foi sobejamente questionada, que as políticas e programas de extensão ainda não têm recebido as avaliações e considerações devidas dos órgãos governamentais, dada sua importância ímpar. Paralelamente a uma compreensão difusa de sua natureza, deve marcar posição críticocriativa sobre o significado inquestionável da extensão em seu Projeto Pedagógico.¹

Uma Instituição de Ensino Superior que se preze sabe que a extensão fomenta a pesquisa e oferece subsídios quantitativos/qualitativos a ela. Não se trata de "aceitar a condição terceiromundista para a pesquisa científica", conforme denuncia Marilena Chauí (1995 : 87) deixando a pesquisa básica para as "grandes universidades" do Norte (ou das matrizes do capitalismohegemônico², mas de provocar o encontro dessas instâncias do ato da pesquisa à medida que a comunidade se reconheça na pesquisa (de conhecimento significativo) que sua universidade promove e realiza. Trata-se de uma atitude investigativa sobre a realidade não importando a natureza da pesquisa, desde que alavancada por política clara, "cidadã e não paternalista de extensão" (Pereira, 1998) nos permite ver e amadurecer em uma proposta de educação superior.

b.5) Sobre a resposta qualitativa à nova sociedade do trabalho e as Tecnologias da Informação (TI) e sua avaliação crítica.

¹ Ver documento exibido no site do MEC, na janela intitulada: Plano Nacional de Extensão 19992001, onde, finalmente, uma política mais amadurecida de extensão começa a aparecer.

² Ver CPMI do Congresso Nacional – Relatório final, de 1992, sobre nosso atraso tecnológico (bibliografia).



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A começar internamente precisamos sair da idade da pedra leia-se: da era do giz e do apagador mas não permitir que a parafernália tecnológica nos escravize. Mesmo diante do hoje chamado "ensino a distância", uma realidade irreversível, um mestre será sempre necessário como "pedagogo", no sentido etimológico, isto é, aquele que conduz o aprendente, com a diferença de que agora ele se torna um dos aprendentes diante de máquinas aprendentes e complexas e não mero técnico de pesquisaensino sofisticados. A instância propriamente pedagógica de

Uma pedagogia iluminada pela lanterna de uma razão perseguidora da ética – redimensiona a instância técnica e lhe confere sentido. Os aprendentes devem continuar sendo conduzidos por uma relação afetivocognitiva e integral, do ponto de vista de corporeidade, relações, etc, e agora no acesso a um mar de informações, mas cujo valor quantitativo ilimitado agregado a essas relações tem de servir a uma visão crítica de qualidade. O que apresenta qualidade, esperamos, é o que deve sobreviver nesta época da ubiqüidade dos acontecimentos, da linguagem/ação virtual/real, da informação online... a questão é saber o que entendemos por qualidade, como tarefa primeira da academia.

Somandose a isso, devemos estar atentos, mais uma vez criticamente atentos e não apenas "anteados" aos caminhos que a era do estiolamento do fordismo e da emergência da era relacional, da "terceira onda" (A Toffler) – e outras que virão – propiciam, de modo a integrar a produção do conhecimento às novas realidades de um mundo do trabalho; um mundo onde o conceito de emprego cede ao de "empregabilidade", chão da fábrica e do escritório por "serviços", onde as políticas de atendimento às exigências de um capitalismo financeiro, volátil e "virtual" não se preocupam com o homem real: pais/mães de família, cidadãos, trabalhadores, etc. . As novas relações em que a antiga centralidade do trabalho na vida humana entra em franca diminuição em contraponto à entrada dos serviços e tantas formas dissimuladoras do



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

fantasma maior do desemprego tecnológico, da era do lazer e da cultura – mesmo a de massa e de gosto duvidoso – ao turismo, esporte, educação física, corpolatria, esquizofrenia da moda, etc., tudo isso deve ser criticamente compreendido pela universidade desde que consiga colocarse no centro das relações societárias e fazer com que seus cursos não sejam apenas objetivados a dar respostas imediatas ao que Pablo Gentili chama de "totalidade imposta do mercado globalizado" (Gentili et al., 1995 : 228ss). Ou então, tudo bem, diante das chamadas "universidades corporativas" que estão surgindo aqui e acolá, cederemos ao atrativo fácil de demandas ao estilo da "macdonaldização" da universidade. Se algumas universidades ou IESs já funcionam literalmente dentro ou anexo a shoppings centers, que tal as redes de venda de pizzas, hambúrgueres, quibes ou lingers ditarem as regras de currículos, ementários, programas?

Sem menosprezar a presença do mercado com suas regras, uma IES tem de revelar uma lucidez o suficiente para questioná-lo a todo o momento a partir de seu Projeto Pedagógico porque, o homem como sujeito de cidadania está acima e além do homem que tão somente consome. Assim, todos os cursos, sem exceção, devem atender, antes de tudo, aos desejos e reclamos das "comunidades interpretativas" (Habermas, apud Marques, 1992 : 555s) que elas, as IESs, devem fazer proliferar a partir de dentro de seus umbrais. Nos projetos integrados de extensãopesquisaensino, lá, de dentro das IES as comunidades devem encontrar espaço não para reproduzir, mas questionar os ditames de modismos banais, evasivos, peremptórios da produção mercadológica da "cultura" e até mesmo de idéias, que também correm o risco de ser apenas "aquecidas" superficialmente pelo consumo – vide, por exemplo, o movimento editorial recente que extrapola na cantilena da "qualidade total" e congêneres, abarcando a educação, inclusive a educação superior, aqui e acolá.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

B.6) sobre o diálogo interativo e crítico com as instituições sociais e governamentais e com o estadonação.

A universidade não deve estar a serviço de governos, mas do Estadonação, a não ser que os governos tenham interesses e projetos compatíveis a ele (políticas públicas claras, emancipatórias, etc). Tampouco a universidade deve ir atrás da sociedade para trazê-la para dentro de seus muros. Ela já deve ser, de antemão, a universidade que a comunidade necessita e nela se reconhece. Esse deve ser o ponto de partida consensual para quem quer que faça acontecer a universidade, como projeto, como realização, como permanente revisão de seus objetivos e seu destino.

Cônsua destas idéias norteadoras, básicas e preliminares, uma IES deve envidar esforços para promover ao máximo um diálogo interativo e crítico com as instituições sociais – empresas, escolas, bibliotecas, igrejas, creches, hospitais, exército, ONGs, etc. – no confronto e conjunção de objetivos, inter pares, para que as atividades, sobretudo as ditas de extensão, dêem frutos esperados por ela e pela comunidade, acima dos efeitos efêmeros ou de última hora, efeitos de vitrine para a sociedade. Só assim, mais do que ser apenas "parceira" em projetos, como se diz na linguagem empresarial, ela consegue criar e fazer proliferar "a aplicação edificante da ciência no seio de comunidades interpretativas" (Sousa Santos, 1995 : 223). Está sempre em vista da produção de conhecimento que se faz, aqui e alhures, e cada vez mais diante do apelo para tornarse menos livresca, bem aos moldes dos "manuais" de uma "pedagogia da adaptabilidade para o consumo do momento, e mais concreta e cidadã (Pereira, 1999) em todas as áreas em que atua.

O mesmo propósito vale para a relação interinstitucional, à medida que os projetos (quando os há) de outras universidades, faculdades isoladas, institutos de pesquisa e afins apontam para um encontro de objetivos para além da simples "competição" do mercado e as comunidades envolvidas colham os frutos desse diálogo.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Tal se dá, sobretudo em parcerias com projetos de pesquisa, ensino e extensão nas mais variadas atividades – estudos de projetos, pesquisas conjuntas, congressos, semanas de estudos, parcerias em cursos, publicações, etc. Este espírito deve estar latente nas IESs, tanto na graduação como na pósgraduação; ele é fruto de um amadurecimento acadêmico e não só de imposições formais ou demandas sociais e de mercado.

O que vale para as relações com outras instituições sociais e outras universidades ou IESs, vale para as relações com os órgãos governamentais, municipais, estaduais ou federal, num sólido posicionamento diante de suas políticas, em vista da cidadania plena.

c) SOBRE A ADMINISTRAÇÃO PARTICIPATIVA E A GESTÃO HORIZONTALIZADA, INTEGRADAS À INSTÂNCIA PEDAGÓGICA

Vivemos um momento de tomada de consciência de que o tripé extensãopesquisaensino (recomposto nesta ordem, mas não engessado nela) não basta para dar conta do real significado e dimensão de uma universidade ou de uma IES, cuja natureza, complexa, passa por um repensamento crítico neste fim/início de século, no mundo inteiro.

Ao referido "tripé", que acabou se consagrando, é preciso acrescentar a gestão administrativa e pedagógica e atualização docente de forma integrada. Quem administra deve ter o mínimo de entendimento e/ou sensibilidade para perceber a leitura propriamente pedagógica dos projetos da universidade. De seu turno, quem está envolvido na ação pedagógica direta, em qualquer área, deve ter o mínimo de percepção do alcance administrativo dos projetos e das reais possibilidades da universidade. Não se trata de uma espécie de "vigilância" dupla, de forma que o professor ou pesquisador se torne um "contador" ou mesmo um burocrata da universidade e viceversa, mas de uma integração de trabalho celebrado num plano estratégico. Dirigir um centro, instituto, núcleo ou departamento, coordenar atividades,



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

projetos... tudo isso implica em uma visão educacional abrangente que incorpore a instância administrativa a seu favor. Acontece que universidade não é empresa, empresa não faz educação formal. Mas a universidade tem muito a aprender com as novas leituras que a empresa (e ONGs, partidos, associações, igrejas, etc) vem recebendo, sobretudo quando se trata de administrações participativas e/ou gestões horizontalizadas. Este aprendizado de ambas as partes, notadamente de uma instituição de ensino superior (a nossa questão em foco) refletese em todos os setores da ação integrada, é "pedagógico" em todos os seus enfoques e incide na atualização docente, vale dizer, no desmonte daquele professor que (só) dá aulas.

d) SOBRE A CARREIRA DOCENTE FIRMADA EM NOVAS RELAÇÕES DE TRABALHO

As relações de trabalho vêm mudando sobremaneira desde as primeiras décadas da segunda metade do século XX, como fora aludido ao declínio do fordismo. O trabalho docente é um dos que mais sofre o impacto das mudanças em todos os níveis de ensino, também no ensino superior. Num país em que as instituições de ensino superior (IESs) e até mesmo muitas universidades, in stricto sensu, vêm da tradição de puro ensino, a percepção da necessidade de mudanças fazse distintamente entre elas, conforme uma eleição de prioridades e margeado pelas condições reais.

Da parte dos órgãos governamentais, até por pressão internacional, as avaliações do ensino superior cada vez mais exigem condições de trabalho em que o tempo para a pesquisa e docência não se reduzem à tradicional contabilidade da horaaula.

É sabido que o Exame Nacional de Cursos (apelidado de "provão") exerce pressão sobre as IESs sem um diagnóstico mais detalhado de suas reais condições, pondo tudo no mesmo caldeirão de um ranking, como se ensino superior, num país tão plural e desigual, fosse competição esportiva.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

As estatísticas, nesta época de uma certa "epidemia" da avaliação e exibição de desempenho, estão aí mostrando o óbvio. E o que elas revelam? As universidades que priorizam o tempo integral e a maior titulação dos docentes são as que exibem melhor desempenho. Abstraídas as exigências governamentais, versadas em decretosleis e medidas provisórias à revelia de uma discussão mais profunda e firmadas numa filosofia da "premiação" meritocrática, até para definir políticas de apoio, o tempo integral ou mesmo parcial de trabalho é, antes de tudo, uma exigência da Sociedade do Conhecimento.

De seu lado, uma IES deve saber que continuar reforçando a tradição da horaaula não responde mais à necessidade de responder às exigências de um salto qualitativo para não ter de experimentar apenas crescimento vegetativo: fazer inchar o balão para estourar depois.

É preciso aprofundar uma política de incentivo à pesquisa não como ranking, o quanto pesquisa, o quanto não pesquisa, quem pesquisa mais, quem pesquisa menos, mas como atitude investigativa de leitura da realidade, e isto tem muitas formas: apoio a escrituras de monografias e dissertações, publicações docentes e discentes, pesquisa integrada e significativa, participações em congressos, iniciação científica, orientação de alunos, de forma que os aprendentes cobrem de si mesmos seus resultados antes de realizar porque são cobrados, etc. Contudo, sem tempo especial para atividades extraclasse, nada feito. E sem um plano de carreira que priorize, entre outras coisas, o tempoatividade, a instituição sequer tem como avaliar seus projetos e os planos individuais de trabalho docente.

Numa universidade de fato extensionista o termo soa até redundante – as novas relações de trabalho põem o docente e/ou pesquisador frente aos demais sujeitos de conhecimento, cuja integração firmada em projetos claros de trabalho liberam o professor de certa "paranóia" do acúmulo de atividades que apenas burocratizam o



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

ensino aulas sobre aulas e provas, de forma que o professor se torne um carregador de diários e manuais debaixo dos braços.

Nenhum projeto pedagógico consegue vingar sem esta condição de tempo específico até para cumprir as exigências do novo paradigma da complexidade do conhecimento, e da era relacional, de modo que a inter e transdisciplinaridade (esta sempre uma utopia) levam a atividade docente a profícuas convergências de conteúdos, e o professor possa quebrar o isolamento de aulas individualizadas ou do saber desarticulado e estanque. A falta de tempo para integração é um dos fatores que tornam o professor um "estranho", mesmo que eficiente no que realiza, do ponto de vista individual, mas o faz sem saber o que faz seu colega, mesmo dentro da própria área de conhecimento. São como pedreiros que levantam paredes bem prumadas, mas cada um esticandoa, aleatoriamente para um lado, fora de uma planta. Sem contar aqueles que precisam "fazer bico" em salas de aulas, porque sua atividade econômica principal não é a docência e pesquisa, estes são os que menos tempo têm para atividades integradas e acabam se contentando apenas com o seu tempo de sala de aula – os "vacionados" para o ensino. Em outras palavras, professores se querem ser pesquisadores não podem continuar se encontrando apenas em intervalos de cafezinhos, corredores, cantinas ou salas de professores.

e) SOBRE A AVALIAÇÃO QUALITATIVA, DA INSTITUIÇÃO E DO DOCENTE.

Com a reforma de 68 (Lei 5.540), as universidades e mesmo as IESs isoladas, "pequenas" foram divididas em departamentos gerando uma fragmentação das atividades. Muito se tem escrito sobre seus resultados (vide Cunha, Botomé, Vieira e tantos outros).

Independentemente dos departamentos que burocratizaram e fragmentaram o ensinopesquisa, a despeito do questionamento de suas origens, as universidades têm de



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

reencontrar ou redesenhar seus caminhos numa "reengenharia institucional" (na falta de outro, vai o termo da moda), desde que esta dê nova vida a seus órgãos de apoio para a organização de atividades pedagógicas e administrativas, sejam departamentos, centros, institutos, núcleos, etc. Vale o conteúdo desses espaços, não a casca ou a nomenclatura.

O que uma IES deve saber é que uma avaliação institucional intramuros só vai permitir um salto de qualidade quando tiver claro que seu Projeto Pedagógico é parte integrante de um Planejamento Estratégico (ou Plano de Ação, de Metas), de Um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), enfim, de um projeto mais abrangente, com uma identidade própria, haurida de discussões internas, que contemple um plano de carreira docente e funcional, além de experimentar formas horizontalizadas de gestão para poder realizar tal "reengenharia". Se a universidade brasileira nos deixa uma herança defeituosa, hemiplégica em termos de produção científica, ou de estruturas engessadas, burocratizadas, o que dizer das IESs com suas enormes dificuldades, quando não, falta de clareza quanto à sua própria identidade e função?

Uma avaliação qualitativa e processual (implícita num PDI) serve para mostrar os resultados, fazer diagnóstico, mas deve ter mais o escopo de apontar objetivos claros a atingir e corrigir rumos do que propriamente julgar resultados ou mesmo punir como se vê no chamado "provão". E só uma universidade que pensa a si mesma, por este caminho de permanente correção de rumos, pode "cobrar" qualidade docente. Qualidade docente não é mais questão de "carisma de professor que gosta ou sabe dar aulas", mas resultado de uma estrutura institucional que propicie ao profissional as possibilidades para crescer na carreira de forma integrada, como professorpesquisador.

Uma IES com Projeto Pedagógico claro deve antes de tudo ter consciência de que seus docentes responderão cada vez mais pela qualidade à medida que puderem ser avaliados pelos seus planos de pesquisa, (fomentadora da extensão ensino) mais do que pelo número de aulas ministradas. Esta é a melhor maneira, certamente a mais difícil, de



se "vestir a camisa" da instituição. Quanto às formas de avaliação do desempenho docente, dependem exclusivamente da correlação das partes em respostas aos projetos. E é isto que livra os docentes da sobrecarga funcional ou de trabalhos burocratizados. O docente e "pesquisador" que passa o tempo "carregando piano" para a universidade burocratizada, nem pode ter sua produção avaliada, uma vez que não tem como cumprir os objetivos dos projetos individuais ou integrados de pesquisa, nos departamentos que serve ou no que está lotado.

f) SOBRE O CAMPUS UNIVERSITÁRIO COMO ESPAÇO DE QUALIDADE DE VIDA, TRABALHO E CONVIVÊNCIA PARA PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS, ALUNOS E COMUNIDADE.

O movimento de federalização das universidades desde os anos 50/60, culminando na reforma de 68, e de expansão do sistema, incluindo as particulares, estaduais, comunitárias e algumas municipais, autarquias, fundações, até faculdades isoladas trouxe este movimento expansionista que resultou na prática de construções de campi universitários isolados.

Em que pese toda discussão sobre este "isolamento", hoje fica claro que o que de fato isola uma universidade ou IESs não é só o espaço físico em si, mas sua incapacidade de alimentar as vias de acesso e estreitamento de contato com a comunidade, a começar pela (falta) de clareza de seus projetos, seu lugar na sociedade. E isto é um aprendizado histórico, um desafio, para além do modelo de universidade que copiamos dos grandes centros.

De qualquer forma, um campus universitário deve ser pensado como um espaço preparado tanto para as novas relações de trabalho como para a integração com a comunidade. E só uma convivência partilhada de todos, professores, alunos, funcionários, e comunidade pode transformar um campus universitário deixando de ser um espaço "vazio de sentido ou conteúdo pedagógico" há alguns campi que mais



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

parecem fábricas, outros se assemelham a cemitérios fora do expediente das aulas. É dessa interação que surge uma nova "qualidade política" (no sentido grego mesmo de vida na polis) de vida acadêmica, em que todos nela se reconheçam. As instituições, ditas "comunitárias" já trazem, em tese em suas origens etimológicas, esta percepção, mas este espaço vivo de conhecimento partilhado, de cultura e de convívio, norteado pela instância pedagógica, científica e multicultural deve ser sempre avaliado. Às vezes um "espaço morto" ou uma área reservada ao estacionamento de alguns poucos carros pode se tornar um espaço de ação cultural, pedagógica e até mesmo de pesquisa. Como as universidades via de regra deixam escapar as chances de reavivar seus espaços; isso não é nada mais que reflexo de ausência ou de crise de projetos. A permanente revisão e readequação dos espaços é o conjunto dos sujeitos que determinam a partir do diálogo institucional promovido por uma gestão onde as instâncias administrativas e pedagógica (e cultural e científica) se encontram numa horizontalidade convergente e edificante. Sem querer recair em expressões fáceis, metafóricas ou de efeito, diria que, sem uma "deliciosa anarquia" dos espaços aprendentes, o coração da universidade não pulsa, pois não há vida acadêmica, só o deserto de paredes limpas, como se a universidade devesse fazer a assepsia do próprio conhecimento, que é social em sua natureza, pelas relações que deve estabelecer.

g) SOBRE A ÉTICA COMO NORTEADORA DE TODA E QUALQUER AÇÃO/RELAÇÃO DE TRABALHO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, DENTRO E FORA DA UNIVERSIDADE.

Finalmente não há como pensar em Projeto Pedagógico fora da esfera ética. Pelo menos em tese a Ética, como consciência da necessidade de emancipação, negação de toda e qualquer violência contra o homem, afirmação de direitos e deveres e construção da liberdade, dimensiona a substância do conhecimento produzido e as relações por nós estabelecidas.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

No fechamento deste texto, o que fica de pé, a propósito desta preocupação, seja na universidade (ou nas IESs) onde o conhecimento deve brotar e florescer, seja fora dela, é que não podemos entrar no século XXI com a mesma ética do século XX, cujo "saldo" se mostrou negativo às pretensões de emancipação do gênero humano. É notório, em todas as relações societárias, uma crise de valores em nossos dias e a universidade deve ser a primeira instituição a estar atenta, até por força de sua função e objetivos na sociedade e dado seu "estoque de lucidez" (Sousa Santos). Se a universidade não discutir a ética como pressuposto do encontro entre as competências (técnica e política) quem mais vai poder discutila?

Ora, se a ética perpassa todo o empenho da razão para a construção e expansão do conhecimento, desde suas fronteiras na pesquisa básica na Bioética, por exemplo, um campo fértil de reflexão – ela confere sentido a toda esfera da ação humana, dada as reflexões preliminares que aqui colocamos sobre a natureza do conhecimento; por exemplo, nas universais questões epistemológicas: pesquisa para quê? para quem? para qual finalidade?

Na universidade (ou quaisquer IESs) ela tem de se tornar o prisma onde se assentam, tanto as relações internas, no trabalho docente, nas pesquisas, nas relações internas (com colegas de ofício, direção, alunado e corpo funcional) como nas relações externas, nos projetos de extensão, nas parcerias interinstitucionais, na relação com a comunidade, governos, assim por diante.

Uma IES com claros objetivos emancipatórios precisa trabalhar incansavelmente para fazer com que todos os seus projetos, relações intra e extrauniversitárias, e procedimentos em quaisquer áreas de conhecimento, criação e apoio cultural ou gestão e administração compartilhadas sejam balizados por esta preocupação, sem a qual não há como propor Projeto Pedagógico sustentável. Pedagogia e ética são dois pólos de uma mesma realidade, que não se repulsam, como no campo energético; pelo contrário,



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

se atraem, desde que um Projeto Pedagógico tenha como escopo a emancipação dos sujeitos do conhecimento, da divergência de idéias e das diferenças culturais (multiculturalidade) para uma real qualidade dos serviços prestados à comunidade na mira da cidadania. Lá (na cidadania), como no limite máximo, reside o corolário de sua identidade.

Uma vez postas estas reflexões iniciais, espero suscitar um acalorado debate.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. Metáforas novas para reencantar a educação – epistemologia e didática. Piracicaba : Ed. UNIMEP, 1996.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação – rumo à sociedade aprendente, Petrópolis : Vozes, 1998.

BERVIAN, Pedro A & CERVO, Luis A. Metodologia científica, 4ª ed. Rio: Francisco Alves, 1996.

CHAUI, Marilena S. Ética e universidade, In. Universidade e sociedade, ano V, nº 8, fev. 95. p. 827.

CUNHA, Luis A. A Universidade crítica – o ensino superior na república populista, 2ª ed. Rio : Francisco Alves, 1980.

CUNHA, Luis A. A universidade temporã – da Colônia à era Vargas, 2ª ed. Rio Francisco Alves, 1980.

DEMO, Pedro. Desafios modernos da educação, 4ª ed. Petrópolis : Vozes.

GENTILI, Pablo (org) et al. Pedagogia da exclusão – crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis : Vozes, 1995.

GIANNOTTI, José A. Universidade em ritmo de barbárie, São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIMA VAZ, Henrique C. Antropologia filosófica. São Paulo: Loyola, 1991.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

LUCKESI, Cipriano C. Fazer universidade – uma proposta metodológica, São Paulo : Cortez, 1997.

MARQUEZ, Mário O. Os paradigmas da educação, In. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 73, nº 175, set/dez, 1992, p. 54765.

MEC/INEP, Sinopse estatística do ensino superior – graduação 1999. Brasília, DF, 2000.

MORAES, Maria C. O paradigma educacional emergente. Campinas : Papirus, 1997.

NOSELLA, Paulo. O compromisso político como horizonte da competência técnica. In. Educação e sociedade. São Paulo, nº 14, abr. 1983, p. 917.

OLIVEIRA, Maria Rita N S de. A reconstrução da didática – elementos teóricometodológicos, 2ª ed. Campinas : Papirus, 1995.

PEREIRA, Otaviano (org.) et al. Universidade cidadã – a universidade extensionista na pósmodernidade. (mimeografado), 1999.

RÉGIS DE MORAIS, JoãoFrancisco. A universidade desafiada. Campinas : Papirus, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Competência política e compromisso técnico, (ou, o pomo da discórdia e o fruto proibido). In. Educação e sociedade. São Paulo, nº 15, ago. 1983, p. 11143.

SEVERINO, Antônio J. Filosofia. São Paulo : Cortez, 1992.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Pela mão de Alice – o social e o político na pósmodernidade. São Paulo : Cortez, 1995.

TAVARES, H. Diminuindo a exclusão no ensino superior. In. Folha de São Paulo, 04. fev. 2001. Opinião, A3.

TRINDADE, Héglio. (org.) et al. Universidade em ruínas – na república dos professores. Petrópolis : Vozes, 1999.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Ciência e existência, 2ª ed. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1979.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA). Do pessimismo da razão para o otimismo da vontade – referências para a construção dos projetos pedagógicos nas IESs brasileiras. São Luis : Próreitoria de Graduação e Assuntos Estudantis (documento), 2000.

ⁱ O presente texto resultou de uma assessoria pedagógica prestada a UNIPEC, de Porto Velho, RO, como documento de apoio a um debate num fórum interno da instituição.

